



A que se refere a “pele [...] escura” no Livro de Mórmon?

“E ele fez cair a maldição sobre eles, sim, uma dolorosa maldição, por causa de sua iniquidade. [...] e como eram brancos, notavelmente formosos e agradáveis [...] o Senhor Deus fez com que sua pele se tornasse escura”.
2 Néfi 5:21

O conhecimento

Após a morte de Leí, Néfi e aqueles que o seguiram foram forçados a fugir de Lamã e Lemuel porque, novamente, os dois irmãos tentaram matá-lo. Néfi e seu povo, no entanto, estabeleceram uma próspera colônia, completa com um templo, onde observaram a lei de Moisés e foram abençoados de acordo com os convênios que o Senhor fez com Leí e sua família (2 Néfi 5:1-17).

Em contraste, Néfi relatou que seus irmãos foram “afastados da presença do Senhor” e que uma “maldição [...] uma dolorosa maldição” veio sobre eles “por causa de sua iniquidade”.

Consequentemente, seus corações endureceram como seixo e, embora fossem “brancos, notavelmente formosos e agradáveis [...] o Senhor Deus fez com que sua pele se tornasse escura” (2 Néfi 5:21). Outro registro, supostamente as grandes placas de Néfi, diz que o Senhor “amaldiçoou e (...) pôs uma marca” e “a pele dos lamanitas foram escurecidas, de acordo com a marca que foi colocada sobre seus pais, que era uma maldição sobre eles” (Alma 3:6, 14).

A Igreja rejeita as teorias da pele escura como uma maldição

Para muitos leitores modernos, essas e outras passagens semelhantes do Livro de Mórmon são compreensivelmente desagradáveis, por causa de seus aparentes “conceitos racistas de inferioridade racial sobre pessoas de cor em contraste com a superioridade racial dos brancos”. No passado, muitos leitores e escritores aceitaram tais conotações raciais sem questionar, mas um ensaio de 2013 autorizado pela Primeira Presidência e publicado no site da Igreja afirma inequivocamente: “Nos dias atuais, a Igreja rejeita as teorias do passado de que a pele escura seja um sinal de desagrado divino ou de maldição”.

Apesar desse pronunciamento, alguns estudiosos persistem em ler o Livro de Mórmon através de uma antiga lente racial, embora muitas vezes com a torção de que essa lente realmente subverte o racismo do século XIX. No entanto, uma análise mais cuidadosa indica que o texto não se conforma de forma alguma com as perspectivas raciais modernas. Fontes euramericanas do século XIX descrevem com mais frequência os nativos americanos como pessoas de pele vermelha ou acobreada, e essas são as descrições normalmente usadas também por Joseph Smith, Oliver Cowdery e outros dos primeiros santos dos últimos dias. No entanto, como Hugh Nibley observou pela primeira vez na década de 1950, “no Livro de Mórmon não há menção de pele vermelha versus pele branca; na verdade, não há nenhuma menção de pele vermelha”.

Pele escura/preta no antigo simbolismo do Oriente Próximo

Em vez disso, o Livro de Mórmon contrasta sistematicamente pelas pretas ou escuras com pelas brancas ou claras de maneiras consistentes com o antigo simbolismo do Oriente Próximo. Por exemplo, Nibley observou: “Com os árabes, ter um semblante branco é ser abençoado e ter um semblante negro é ser amaldiçoado”. Isso pode ser visto no Alcorão, no qual o dia do juízo é descrito como “o dia em que os rostos são branqueados e os rostos enegrecidos”. Nibley também observou uma expressão semelhante em um antigo texto egípcio, que ele descreveu como ḥd-ḥr, “branco de semblante”, e ser šw m snk.wt, “livre das trevas”.

Recentemente, Kerry Hull apontou que expressões semelhantes na literatura judaica e cristã antiga não são racistas, mas simbólicas, e muitas vezes são inspiradas em símbolos poéticos da própria Bíblia.

Por exemplo, Orígenes e Agostinho basearam-se em Cântico dos Cânticos 1:5 (“Eu sou morena [...] mas bela [isto é, bonita]”) e combinaram com Cântico dos Cânticos 8:5 LXX (“Quem é esta que sai toda branca?”) como uma metáfora para as pessoas que são negras pelo pecado, mas que são lavadas pelo arrependimento e batismo (compare 3 Néfi 2:15-16). Orígenes escreveu: “No entanto, é chamado de preto, porque ainda não foi purgado de toda mancha de pecado [...] no entanto, não permanece de cor escura, mas está ficando branco” Alguns dos primeiros cristãos se referiam metaforicamente à pele escura ou negra dos etíopes em tais analogias.

Talvez o aspecto mais direto e esclarecedor do antigo Oriente Próximo, em relação à “pele escura” do Livro de Mórmon em termos de data, circunstância e linguagem seja encontrado no Tratado de Sucessão de Esarhaddon, recentemente analisado por T. J. Uriona. Este tratado foi enviado aos vassalos assírios, incluindo Judá, por volta de 672 a.C. para estabelecer o filho de Esarhaddon, Assurbanipal, como sucessor legítimo, embora ele não fosse o filho mais velho. Como era costume nos antigos tratados e convênios do Oriente Próximo, as maldições eram pronunciadas contra aqueles que violassem os termos deste tratado. Uma das maldições no documento diz: “Que [os deuses] escureçam sua pele e a pele de suas esposas, seus filhos e suas filhas. Que sejam negros como breu e petróleo”.

O profeta bíblico Naum, um dos contemporâneos de Leí, parece ter aludido a essa mesma maldição em uma “inversão subversiva” da metáfora, aplicando-a à queda do próprio Império Assírio por volta de 612 a.C., a escritura diz: “[T]he faces of them all gather blackness” (o rosto de todos [os assírios] se enegrecem)” (Naum 2:10). Da mesma forma, nas Lamentações (tradicionalmente atribuídas ao profeta Jeremias), uma metáfora semelhante é usada dos naziritas após a destruição de Jerusalém, que em inglês diz: “Her Nazarites were purer than snow, they were whiter than milk [...] Their visage is blacker than a coal” (Seus nazireus eram mais puros que a neve, mais brancos que o leite [mas agora] sua aparência é mais escura que a fuligem) acrescentando mais tarde: “Our skin was black like an oven because of the terrible famine” (Nossa pele era negra como um forno por causa da terrível fome) Lamentações 4:7-8; 5:10).

Em seu contexto assírio, “pele negra como breu” parece ser um motivo para morte e destruição. De acordo com Gideon Kotze, sua reapropriação em Lamentações pode não se referir à morte literal, mas pode indicar que as pessoas se tornaram “homens mortos que caminham”. Da mesma forma, a “pele negra” que Néfi descreve como caindo sobre os lamanitas, não era necessariamente física, mas ocorreu no contexto de algumas pessoas que violaram o convênio do Senhor e, portanto, foram “afastadas da presença do Senhor”, trazendo sobre si a dolorosa maldição da qual Leí havia advertido anteriormente. Em outras palavras, os lamanitas simplesmente experimentaram o que Alma mais tarde chamou de “morte espiritual” e, portanto, suas almas estavam em trevas espirituais (Alma 42:9).

Significado simbólico de preto (ou escuro) e branco no Livro de Mórmon

Dicas em todo o Livro de Mórmon apoiam fortemente a interpretação simbólica de referências a “pele” negra, escura e branca. Por exemplo, as primeiras descrições de pessoas como brancas ou escuras aparecem na visão original de Néfi. Em vez de serem referências literais à cor da pele, essas descrições parecem ligar metaforicamente diferentes pessoas ou grupos aos símbolos brancos e escuros do sonho de Leí, em 1 Néfi.8. Da mesma forma, em todo o Livro de Mórmon, o obscuro é frequentemente associado a termos como sujo e repugnante, que se destinam claramente a descrever o estado espiritual dos lamanitas, não sua falta de higiene ou atratividade física.

Além disso, em todo o restante do texto, os termos branco, preto e escuro são aplicados de várias maneiras a objetos, roupas, peles e pessoas, sempre consistentes com o simbolismo que associa branco à pureza, santidade e justiça, enquanto associa preto ou escuridão com impureza, impiedade e a mancha do pecado. Na maioria dos contextos ao longo do Livro de Mórmon, fica claro que esses termos são simbólicos ou metafóricos. Assim, como observou David M. Belnap, “interpretações metafóricas [das passagens sobre a cor da pele] dão coerência a outros versículos do Livro de Mórmon que relacionam leveza, deleite, escuridão, sujeira e semelhantes ao estado espiritual de uma pessoa ou de um povo”.

Além disso, no final de seu registro, Néfi fala de um dia futuro em que os remanescentes dos lamanitas

seriam “restaurados ao conhecimento de [...] Jesus Cristo”, fazendo com que “de seus olhos come[cem] a cair as escamas da escuridão; e” (...) tornar-se-ão um povo puro e agradável” (2 Néfi 30:5-6). As metáforas aludem ao levantamento da maldição de 2 Néfi 5:21, e Joseph Smith esclareceu essa passagem na edição de Nauvoo do Livro de Mórmon para ler “um povo puro e deleitável”, deixando muito claro que o que se pretendia era a pureza espiritual e não a cor da pele.

Uma pele escura autoimposta como marca

Se houve uma diferença real entre nefitas e lamanitas na cor física da pele, não parece ter sido muito acentuada, uma vez que tal diferença não é mencionada em vários relatos nos quais se esperaria que tivesse um impacto perceptível nos eventos. John L. Sorenson explicou: “É provável que a distinção objetiva no tom de pele entre nefitas e lamanitas tenha sido menos acentuada do que a diferença subjetiva”. Alguns sugeriram que os lamanitas podem ter se casado mais fortemente com populações indígenas, ou que seu estilo de vida escureceu sua pele devido ao aumento da exposição ao sol. Isso teria criado uma diferença mais sutil no tom da pele que talvez fosse exagerada para fins simbólicos.

Outros, referindo-se à história dos anlitas, argumentam que, qualquer diferença na aparência física “foi propagada pelos próprios lamanitas [...] marcando sua própria pele”. Os anlitas “foram marcados com vermelho na testa à maneira dos lamanitas”. Os anlitas “havam marcado a fronte de vermelho, à moda dos lamanitas”, mas isso foi interpretado como um cumprimento da declaração do Senhor de colocar “um sinal em todo aquele que lutar contra ti e tua semente”, apesar do fato de que “eles mesmos marcaram a fronte de vermelho” (Alma 3:4, 13, 16). Nibley explicou: “Tão natural e humano era o processo que não sugeria nada milagroso para o observador comum. [...] Aqui, Deus coloca sua marca nas pessoas como uma maldição, mas é uma marca artificial que elas realmente colocam em si mesmas”.

Nos últimos anos, várias teorias deram possíveis explicações para a natureza dessa marca artificial. Por exemplo, vamos considerar estas três propostas principais:

1. Pele escura como roupa

Uma teoria, proposta pela primeira vez por Ethan Sproat e resumida por John W. Welch, sugere que “quando o capítulo 3 [de Alma] é lido na íntegra, torna-se evidente que [...] as ‘peles’ escuras eram possivelmente peles de animais usadas como roupas simbólicas, e não sua pele normal”. Tanto no Livro de Mórmon quanto na Bíblia, a pele pode se referir à vestes de pele de animal e, de fato, esse parece ser o contexto em que as peles dos lamanitas são descritas como escuras em Alma 3:5-6: “[O]s lamanitas [...] andavam nus, com exceção de uma pele que lhes cingia os lombos [...] E a pele dos lamanitas era escura, por causa do sinal que havia sido posto em seus pais” (ênfase adicionada). Se essa teoria estiver correta, observou Welch, “os lamanitas e anlicitas se distinguiram pelas coisas que escolheram usar ou vestir”.

Sproat baseia-se na tradição do templo israelita, que usava roupas especiais do templo que representavam o manto de peles dado a Adão e Eva quando deixaram o Jardim do Éden, e observa que cada uma das principais declarações sobre a cor da pele lamanita vem em um contexto do templo. Ao longo do Livro de Mórmon, os autores se referiram a roupas e peles de maneiras idênticas como símbolos do estado espiritual de alguém. Entre os primeiros cristãos, o simbolismo da camada escura de peles de Adão e Eva era contrastado com uma veste de luz que eles derramavam ao deixar o jardim, com cada veste simbolicamente representando a carne — a camada de peles sendo a carne em seu estado mortal e pecaminoso, e a veste de luz sendo simbólica tanto do estado purificado após o batismo quanto do estado glorificado da Ressurreição.

2. Peles escuras, como tinta corporal

Outra proposta, recentemente apresentada por Gerrit M. Steenblik, é que os lamanitas se marcassem pintando a pele de escuro. A arte clássica do período maia ilustra que muitas elites “escureceram sua pele com tintas, corantes e pigmentos para fins cerimoniais e como camuflagem para guerra, caça e saques”. Isso se encaixa com a referência de Néfi a uma “pele de cor escura” em estreita associação com a descrição dos lamanitas como caçadores de “bestas selvagens no deserto”. Além disso, a primeira vez que Néfi e seu povo encontraram os lamanitas depois de se separarem deles, foi provavelmente durante suas “guerras e contendias” (2 Néfi 5:24, 34). Os anlicitas

também se marcam em um contexto militar (Alma 3:4).

A pele escurecida por tinta ou manchas, pode estar associada com maldições por meio de rituais pré-guerra em que as maldições eram sussurradas enquanto a tinta era aplicada. Carvão e fuligem eram frequentemente usados nessas pinturas para escurecer a pele, o que poderia ter ligado as peles escurecidas à sujeira do ponto de vista nefita. Em algumas cerimônias maias, os participantes dos rituais jejuavam por vários dias e “se cobriam com tinta preta ou fuligem, para serem limpos de fuligem preta — física e simbolicamente purificados — no final do jejum”. Talvez algo semelhante tenha acontecido por meio do ritual de purificação do batismo, quando alguns dos lamanitas “a maldição foi retirada [...] e sua pele tornou-se branca como a dos nefitas” (3 Néfi 2:15).

3. Pele escura como tatuagens

Outros sugeriram que a marca poderia ser uma tatuagem antiga. A tatuagem era conhecida no antigo Oriente Próximo e na América entre várias tribos indígenas na América do Norte e do Sul. Na Mesoamérica, pode ser documentado a partir do ano 1400 a.C. entre os olmecas e, mais tarde, os maias, pois a prática continuou até a conquista espanhola. A maioria das tatuagens na América antiga era negra, mas há evidências de tatuagens vermelhas em Chichén Itzá, o que explica tanto a pele negra ou escura dos lamanitas quanto a marca vermelha dos anlicitas (Alma 3:4).

Linguisticamente, “a linguagem de ‘marca’ no Livro de Mórmon poderia [...] se relacionar com a palavra tatuagem“, como originalmente significava “escrever, pintar ou marcar”. Palavras com uma gama semelhante de significados são atestadas nas línguas maias. Em hebraico, qā‘aqa’ significa “incisão, impressão, tatuagem” e é traduzido como “marca” em Levítico 19:28: “mortos não fareis incisões [na VKJ diz, “marca”] na vossa carne”. Como uma violação da lei de Moisés, tal marca seria literalmente uma “coisa maldita” na pele dos lamanitas e sinalizaria visivelmente sua rebelião contra os convênios do Senhor. Depois que os lamanitas se convertessem, eles interromperiam essa prática e, assim, as gerações futuras não teriam a marca: “E seus filhos e filhas tornaram-se sumamente belos” (3 Néfi 2:15-16).

O porquê

É fácil — até natural — para os leitores modernos do Livro de Mórmon, ver intuitivamente as sensibilidades contemporâneas em relação à raça e à cor da pele em passagens sobre “pele escura” [no Inglês, “pele negra”] ou “peles escuras”, mas tais interpretações são equivocadas ao ler um texto antigo. Como John W. Welch explicou, “ao ler textos históricos antigos, como o Livro de Mórmon, é absolutamente essencial não impor ideias modernas de raça e identidade cultural às pessoas do passado”. Tais interpretações representam o que Sam Wineburg chama de “uma leitura anacrônica do passado”. Como Frank Snowden Jr. observou, “no mundo antigo não havia nada comparável ao preconceito cruel sobre a cor que existe nos tempos modernos”.

Contextos culturais e históricos são cruciais para superar esses pressupostos presentistas modernos na leitura de documentos antigos. Como Kerry Hull observou, quando isso é feito com passagens do Livro de Mórmon que descrevem a cor da pele, ele revela “uma metáfora cultural mais ampla em ação”, enquanto uma leitura literal “ofusca a beleza das representações figurativas e convida tensões raciais injustificadas nas relações entre nefitas e lamanitas”.⁵ Também ilustra, como Welch concluiu, que “há várias explicações para a marca ou maldição dos lamanitas” que não implicam racismo moderno.

Certamente, alguns entre os nefitas, bem como entre os lamanitas, provavelmente tinham visões preconceituosas em relação ao outro grupo, e as descrições de ambos os grupos, do ponto de vista oposto, muitas vezes refletem estereótipos antigos de forasteiros. No entanto, estes não se baseavam na raça, mas sim em diferenças religiosas, culturais e tribais alimentadas por conflitos violentos, dispendiosos ao longo de quase mil anos. Além disso, essas expressões ocasionais de preconceito não constituem a mensagem do Livro de Mórmon, que faz um convite abrangente para que todas as pessoas se arrependam e venham a Jesus Cristo.

Em nenhum momento do Livro de Mórmon, qualquer indivíduo ou grupo é excluído das bênçãos do evangelho por causa de sua raça ou cor de pele. Néfi ensinou que “o Senhor considera toda carne igualmente” e “não repudia quem quer que o procure,

negro e branco, escravo e livre, homem e mulher; e lembra-se dos pagãos; e todos são iguais perante Deus, tanto judeus como gentios”. Alma ensinou que “o Senhor será misericordioso com todos os que invocarem seu nome”, e Amon disse: “Deus se lembra de todos os povos, estejam na terra em que estiverem” (Alma 9:17; 26:37). De acordo com Mórmon, “a porta do céu está aberta a todos [...] os que vierem a crer no nome de Jesus Cristo” (Helamã 3:28).

No auge do Livro de Mórmon, o próprio Salvador declara que foi enviado para “atrair a [si] todos os homens” (3 Néfi 27:14). Logo, o volume sagrado termina com um convite de seu profeta final, Morôni, para que “todos os confins da Terra” “[venham] a Cristo e a [se apegar] a toda boa dádiva [...] [ser] aperfeiçoados nele e [se neguem] a toda iniquidade [...] e [amem] a Deus com todo o [seu] poder, mente e força, [...] [para que] por sua graça [possam] ser perfeitos em Cristo [...] a fim de que [se tornem] santos, sem mácula” (Morôni 10:24, 30, 32-33).

Por meio de relatos históricos comoventes, o Livro de Mórmon não apenas ensina uma mensagem inclusiva, mas também ilustra o poder do evangelho para derrubar barreiras culturais e étnicas e unir as pessoas em Cristo. Por exemplo, o registro dos filhos de Mosias pregando aos lamanitas fornece exemplos pungentes de nefitas e lamanitas olhando além de gerações de conflitos étnicos, para servir uns aos outros e seguir a Cristo. Uma das mais poderosas testemunhas proféticas de Cristo no livro é um lamanita (Helamã 13-15). No clímax do livro, ele demonstra que a chave para superar todas as formas de preconceito é deixar de lado as identidades que nos dividem em “qualquer espécie de itas” e nos tornarmos “um, os filhos de Cristo e herdeiros do reino de Deus” (4 Néfi 1:17).

Élder Ahmed Corbitt, dos Setenta, ensinou que as referências a “pele negra” ou pele escura “não devem distrair os leitores das grandes e eternas perspectivas e propósitos [...] que o Senhor destinou ao Livro de Mórmon”. Élder Corbitt testificou poderosamente:

O Livro de Mórmon é, na minha opinião, o livro mais racial e etnicamente unificador do mundo. [...] Ela ensina que Deus convida e guia toda a família humana em direção à unidade, harmonia e paz, independentemente da cor ou etnia. Ele fornece exemplos de pessoas justas de culturas contrastantes

que superam as diferenças de cor e tradição para resgatar seus irmãos e irmãs com o evangelho de Jesus Cristo e com suas ordenanças e convênios. [...] O Livro de Mórmon é um projeto do céu, em preto e branco, para estabelecer a paz na Terra nos últimos dias.

Leitura complementar

Kerry Hull, “A Soteriology of Robes of Righteousness: Recontextualizing Race and Redemption”, em Jacob: Faith and Great Anxiety, ed. Avram Shannon e George A. Pierce (Salt Lake City, UT: Deseret Book; Provo, UT: Religious Studies Center, Brigham Young University, 2024), pp. 217–272.

T. J. Uriona, “‘Life and Death, Blessing and Cursing’: New Context for ‘Skin of Blackness’ in the Book of Mormon”, *BYU Studies* 62, no. 3 (2023): pp. 121–140.

Jan J. Martin, “The Prophet Nephi and the Covenantal Nature of Cut Off, Cursed, Skin of Blackness, and Loathsome”, em *They Shall Grow Together: The Bible in the Book of Mormon*, ed. Charles Swift e Nicholas J. Frederick (Salt Lake City, UT: Deseret Book; Provo, UT: Religious Studies Center, Brigham Young University, 2022), pp. 107–141.

David M. Belnap, “The Inclusive, Anti-discrimination Message of the Book of Mormon”, *Interpreter: A Journal of Latter-day Saint Faith and Scholarship* 42 (2021): pp. 195–370.

Steven L. Olsen, “The Covenant of the Chosen People: The Spiritual Foundations of Ethnic Identity in the Book of Mormon”, *Journal of the Book of Mormon and Other Restoration Scripture* 21, no. 2 (2012): pp. 14–29.

© Central do Livro de Mórmon, 2024



Notas de rodapé

1. Newell G. Bringhurst, *Saints, Slaves, and Blacks: The Changing Place of Black People within Mormonism*, 2ª ed. (Salt Lake City, UT: Greg Kofford Books, 2018), p. 2. Para passagens semelhantes, ver 1 Néfi 12:23; Jacó 3:5–9; 3 Néfi 2:15–16; Mórmon 5:15.
2. Textos sobre os Tópicos do Evangelho, “As etnias e o sacerdócio”, disponível em churchofjesuschrist.org. Para um exemplo da aceitação dessas conotações raciais negativas, ver Rodney Turner, “The Lamanite Mark”, em *Second Nephi, The Doctrinal Structure*, ed. Monte S. Nyman e Charles D. Tate Jr. (Provo, UT: Religious Studies Center, Brigham Young University, 1989), 133–157. Para uma visão geral histórica de como os santos dos últimos dias entenderam a cor da pele e a identidade lamanita ao longo do tempo, ver Armand L.

Mauss, *All Abraham’s Children: Changing Mormon Conceptions of Race and Lineage* (Urbana e Chicago, IL: University of Illinois Press, 2003), pp. 114–157; W. Paul Reeve, *Religion of a Different Color: Race and the Mormon Struggle for Whiteness* (New York, NY: Oxford University Press, 2015), pp. 52–105; Russell W. Stevenson, “Reckoning with Race in the Book of Mormon: A Review of Literature”, *Journal of Book of Mormon Studies* 27 (2018): pp. 210–225.

3. Richard Lyman Bushman, *Joseph Smith: Rough Stone Rolling* (New York: Alfred A. Knopf, 2005), pp. 97–99, pode ter sido o primeiro a interpretar o texto dessa maneira, mas desde então se tornou um marco da chamada escola americanista de estudos do Livro de Mórmon. Ver, em particular, os ensaios da Parte III, “Indigeneity and Imperialism”, of Elizabeth Fenton e Jared Hickman, eds., *Americanist Approaches to The Book of Mormon* (New York, NY: Oxford University Press, 2019), y Jared Hickman, “The Book of Mormon as Amerindian Apocalypse”, *American Literature* 86 (2014): pp. 429–461. Ver também Max Perry Mueller, *Race and the Making of the Mormon People* (Chapel Hill, NC: University of North Carolina Press, 2017), pp. 31–59; Michael Austin, *The Testimony of Two Nations: How the Book of Mormon Reads, and Rereads, the Bible* (Urbana, IL: University of Illinois, 2024), pp. 54–74. Alguns que adotam essa abordagem foram criticados por não reconhecer, muito menos abordar, interpretações alternativas e não racializadas dessas passagens. Ver Kevin Christensen, “Table Rules: A Response to Americanist Approaches to the Book of Mormon”, *Interpreter: A Journal of Latter-day Saint Faith and Scholarship* 37 (2020): pp. 67–96.
4. Jeremy Talmage, “Black, White, and Red All Over: Skin Color in the Book of Mormon”, *Journal of Book of Mormon Studies* 28 (2019): pp. 46–68.
5. Hugh Nibley, *Since Cumorah*, 3ª ed. (Salt Lake City, UT: Deseret Book; Provo, UT: Foundation for Ancient Research and Mormon Studies [FARMS], 1988), pp. 215–216. Ver também Hugh Nibley, *Lehi in the Desert / The World of the Jaredites / There Were Jaredites* (Salt Lake City, UT: Deseret Book; Provo, UT: FARMS, 1988), p. 74.
6. Nibley, *Lehi in the Desert*, p. 73. Ver também John A. Tvedtnes, “The Charge of ‘Racism’ in the Book of Mormon”, *FARMS Review* 15, no. 2 (2003): p. 196, que menciona a passagem citada abaixo do Alcorão.
7. Sura 3: pp. 106–107. Seyyed Hossein Nasr, ed., *The Study Quran: A New Translation and Commentary* (New York, NY: HarperCollins, 2015), 160: “Enegrecimento de rostos é uma expressão idiomática árabe que descreve um estado de angústia, vergonha ou tristeza. [...] Por outro lado, quando os rostos são branqueados, denota alegria e alívio e se refere espiritualmente à luz da fé.” Compare a Sura 10:26–27: “Os mais belos e muito mais virão para os virtuosos. Nem a escuridão nem o desânimo tomarão conta de seus rostos. [...] E quanto àqueles que cometem más ações, [...] não haverá ninguém para protegê-los de Deus. [Será como] se seus rostos estivessem cobertos por manchas noturnas escuras.” Sura 39:60: “E no Dia da Ressurreição você verá aqueles que mentiram contra Allah com rostos enegrecidos.” Sura 80:38–42: “Os rostos naquele Dia serão resplandecentes, radiantes, sorridentes, alegres. E os rostos daquele dia estarão cobertos de pó, cobertos de trevas. Esses são os incrédulos, os libertinos.” Ver também a Sura 43:17.
8. Hugh Nibley, *Teachings of the Book of Mormon, Semester One: Transcripts of Lectures Presented to an Honors Book of Mormon Class at Brigham Young University, 1988–1990* (American Fork, UT: Covenant Communications; Provo, UT: Foundation for Ancient Research and Mormon Studies, 2004), pp. 11, 146, citando A. de Buck, *Egyptian Readingbook, vol. 1, Exercises and Middle Egyptian Texts* (Leiden, NL: Netherlands Archaeological-Philological Institute, 1948), pp. 73–74. Nibley traduz *snk.wt* como “negro de semblante”, que é uma tradução um tanto vaga e altamente contextual consistente com a intenção da passagem. Gay Robins, “Color Symbolism”, em *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, 3 vol. (New York, NY: Oxford University Press, 2001), 1: pp. 291–294, observa que na arte e literatura egípcias, “o branco estava associado à pureza [...] e podia incorporar a noção de ‘luz’; assim, dizia-se que o sol ‘branqueava’ a terra ao amanhecer” (p. 291). Divindades e reis às vezes eram retratados com pele negra, “para significar a renovação e transformação do rei”, mas na maioria dos contextos as representações da pele negra eram negativas. “Dentro do esquema de cor da pele egípcia/não egípcia, o preto era indesejável

- para os humanos comuns, porque marcava as figuras como estrangeiras, como inimigas do Egito e, finalmente, como representantes do caos” (p. 293)
9. Ver Kerry Hull, “A Soteriology of Robes of Righteousness: Recontextualizing Race and Redemption”, em Jacob: Faith and Great Anxiety, ed. Avram Shannon e George A. Pierce (Salt Lake City, UT: Deseret Book; Provo, UT: Religious Studies Center, Brigham Young University, 2024), pp. 217–272. Ver também Tvedtnes, “Charge of ‘Racism’”, pp. 195–196.
 10. Conforme citado em Hull, “Soteriology of Robes”, pp. 237–238; em Augustine, ver pp. 247–248. Comentando sobre o uso dessa mesma metáfora por Agostinho, Cord J. Whitaker, “Black Metaphors in the King of Tars”, *Journal of English and Germanic Philology* 112, no. 2 (2013): p. 176, escreveu: “É claro que o branqueamento da noiva negra é puramente metafórico quando ela diz ‘eu sou negra’ no tempo presente, embora ela já tenha ganhado sua ‘bela’ condição branqueada. A noiva, na medida em que permanece negra, é uma metáfora para o pecador. Na medida em que é embranquecida, é uma metáfora para o pecador que foi salvo.”
 11. Hull, “Soteriology of Robes”, pp. 247–248. Jerônimo, por exemplo, escreveu: “Nós já fomos etíopes em nossos vícios e pecados [...] nossos pecados nos enegreceram”, mas depois, depois de sermos lavados do pecado pelo batismo, “somos etíopes [...] que foram transformados de escuridão em brancura”. Citado em Hull, “Soteriology of Robes”, p. 248. Tvedtnes, “Charge of ‘Racism’”, 195, cita um exemplo semelhante de Efraim da Síria: “Ele fez discípulos e ensinou, e dos homens negros fez homens brancos. E as mulheres etíopes escuras se tornaram pérolas para o Filho.” Observe que, embora esses autores literalmente se referissem à pele escura ou negra dos etíopes, eles só a usavam metaforicamente para se referir ao estado espiritual de pessoas de diferentes raças e cores de pele, fazendo isso “sem qualquer indício de animosidade racial contra eles por causa de sua cor de pele real”. Hull, “Soteriology of Robes”, p. 248.
 12. T. J. Uriona, “‘Life and Death, Blessing and Cursing’: New Context for ‘Skin of Blackness’ in the Book of Mormon”, *BYU Studies* 62, no. 3 (2023): pp. 121–140. Ver também “Is the Book of Mormon ‘Skin of Blackness’ Curse Racist?”, *Saints Unscripted*, vídeo, 18:03, 16 de agosto de 2023, com base em uma cópia pré-publicação do artigo de Uriona.
 13. Uriona, “Life and Death, Blessing and Cursing”, p. 128.
 14. Vassal Treaty of Esarhaddon, lines 585–587, as translated in Gordon H. Johnston, “Nahum’s Rhetorical Allusions to Neo-Assyrian Treaty Curses”, *Bibliotheca Sacra* 158 (2001): p. 432. Uriona, “Life and Death, Blessing and Cursing”, 129n26, também cita uma tradução alternativa: “Que eles façam sua carne e a carne de suas esposas, seus irmãos, seus filhos e suas filhas tão negras quanto [bitu]men, breu e nafta.”
 15. Uriona, “Life and Death, Blessing and Cursing”, p. 136; Johnston, “Nahum’s Rhetorical Allusions”, p. 432.
 16. Uriona, “Life and Death, Blessing and Cursing”, pp. 130–135. Johnston, “Nahum’s Rhetorical Allusions”, 432: “Provavelmente representa a cor doentia que ocorre quando o sangue vital sai do rosto de uma pessoa na morte”.
 17. Gideon Kotze, *Images and Ideas of Debated Readings in the Book of Lamentations* (Tübingen, Germany: Mohr Siebeck, 2020), pp. 83–84, conforme citado em Uriona, “Life and Death, Blessing and Cursing”, pp. 137–138.
 18. 2 Néfi 5:20–21; ver 1:17–18, 20, 28–29. Vários especialistas observaram o contexto do convênio de 2 Néfi 5:21. Ver especialmente Uriona, “Life and Death, Blessing and Cursing”, pp. 122–127; Jan J. Martin, “The Prophet Nephi and the Covenantal Nature of Cut Off, Cursed, Skin of Blackness, and Loathsome”, em *They Shall Grow Together: The Bible in the Book of Mormon*, ed. Charles Swift e Nicholas J. Frederick (Salt Lake City, UT: Deseret Book; Provo, UT: Religious Studies Center, Brigham Young University, 2022), pp. 107–141; Steven L. Olsen, “The Covenant of the Chosen People: The Spiritual Foundations of Ethnic Identity in the Book of Mormon”, *Journal of the Book of Mormon and Other Restoration Scripture* 21, no. 2 (2012): pp. 14–29. Para uma análise deste tópico em relação ao livro de Abraão, ver John S. Thompson, “‘Being of that Lineage’: Generational Curses and Inheritance in the Book of Abraham”, *Interpreter: A Journal of Latter-day Saint Faith and Scholarship* 54 (2022): pp. 97–146.
 19. 1 Néfi 11:13–15; 12:23; 13:15.
 20. Amy Easton-Flake, “Lehi’s Dream as a Template for Understanding Each Act in Lehi’s Vision”, em *The Things Which My Father Saw: Approaches to Lehi’s Dream and Nephi’s Vision*, ed. Daniel L. Belnap, Gaye Strathearn e Stanley A. Johnson (Salt Lake City, UT: Deseret Book; Provo, UT: Religious Studies Center, Brigham Young University, 2011), pp. 179–198; Matthew L. Bowen, “Laman and Nephi as Key-Words: An Etymological, Narratological, and Rhetorical Approach to Understanding Lamanites and Nephites as Religious, Political, and Cultural Descriptors,” (paper presented at the 21st Annual FAIR Conference, Orem, UT, August 7–9, 2019), disponível em fairlatterdaysaints.org.
 21. Olsen, “Covenant of the Chosen People”, pp. 20–21, p. 26. Ver também Jan J. Martin, “Filthy This Day Before God: Jacob’s Use of Filthy and Filthiness in His Nephite Sermons”, em Jacob, pp. 191–216.
 22. Ver David M. Belnap, “The Inclusive, Anti-discrimination Message of the Book of Mormon”, *Interpreter: A Journal of Latter-day Saint Faith and Scholarship* 42 (2021): pp. 299–301, tabela 3, para obter uma lista abrangente de exemplos. Para obter mais informações, com vários exemplos extraídos do texto, consulte Hull, “Soteriology of Robes”, pp. 230–243; Douglas Campbell, “‘White’ or ‘Pure’: Five Vignettes”, *Dialogue: A Journal of Mormon Thought* 29, no. 4 (1996): pp. 119–135; Michael R. Ash, *Shaken Faith Syndrome: Strengthening One’s Testimony in the Face of Criticism and Doubt*, 2ª ed. (Redding, CA: FAIR, 2013), pp. 290–301.
 23. Belnap, “Inclusive, Anti-discrimination Message”, p. 212.
 24. A redação de “um povo branco e adorável” segue o manuscrito da prensa (esta passagem não existe no manuscrito original). Ver Royal Skousen e Robin Scott Jensen, eds., *Revelations and Translations*, v. 3, pt. 1, *Printer’s Manuscript of the Book of Mormon, 1 Nephi 1–Soul 35* (Salt Lake City, UT: Church Historian’s Press, 2015), p. 201; Grant Hardy, ed., *The Annotated Book of Mormon* (Nova York, NY: Oxford University Press, 2023), p. 162, nota em 2 Néfi 30:3, 6.
 25. Central do Livro de Mórmon, “O que significa ser um povo “puro e agradável”?” (2 Néfi 30:6), *KnowWhy* 57 (11 de março de 2017); Royal Skousen, *Analysis of Textual Variants of the Book of Mormon*, 2nd ed., 6 parts (Provo, UT: BYU Studies and FARMS, 2017), p. 2:933–936; Hardy, *Annotated Book of Mormon*, p. 162, nota em 2 Néfi 30:6. Como a representação em 2 Néfi 30:6 é uma inversão de 2 Néfi 5:21, é interessante que ela fale de metáforas sobre “escamas da escuridão” em vez de “pele [...] escura”. Adam Oliver Stokes, “‘Skins’ or ‘Scales’ of Blackness? Semitic Context as Interpretive Aid for 2 Nephi 4:35 (LDS 5:21)”, *Journal of Book of Mormon Studies* 27 (2018): pp. 278–289, propõe que “pele” e “escamas” poderiam ser traduções do mesmo termo semítico subjacente, uma vez que é a raiz hebraica e aramaica de “pele” (wr) também usada para escamas de cobras e cascas de grãos, que podem ser derramadas. Isso sugere que tanto a “pele [...] escura” quanto as “escamas da escuridão” devem ser entendidas como metáforas para uma escuridão ou chama espiritual que pode ser derramada com arrependimento.
 26. Brant A. Gardner, *Traditions of the Fathers: The Book of Mormon as History* (Salt Lake City, UT: Greg Kofford Books, 2015), p. 161: “Se os lamanitas e os nefitas fossem tão distintos visualmente como as peles negras e brancas os teriam feito, veríamos descrições no texto onde essa distinção é observada. Isso nunca acontece.” Ver também Brant A. Gardner, *Second Witness: Analytical and Contextual Commentary on the Book of Mormon*, 6v. (Greg Kofford Books, 2007), 2: pp. 116–117; Gerrit M. Steenblik, “Demythicalizing the Lamanites’ ‘Skin of Blackness’”, *Interpreter: A Journal of Latter-day Saint Faith and Scholarship* 49 (2021): pp. 213–219.
 27. John L. Sorenson, *An Ancient American Setting for the Book of Mormon* (Salt Lake City, UT: Deseret Book; Provo, UT: FARMS, 1985), p. 90. Ele também pergunta retoricamente: “E a ‘pele escura’ dos lamanitas e a ‘pele branca’ dos nefitas? Primeiro, os termos são relativos. Quão escura é a escuridão? Quão branco é justo? [...] [Podemos] duvidar que foi tão dramático [de uma diferença] quanto os registradores nefitas” (pp. 89 e 91). Robins, “Color Symbolism”, 293, observou da mesma forma: “Embora, sem dúvida, a pigmentação da pele de alguns egípcios diferisse pouco da dos vizinhos do Egito, na visão de mundo egípcia os estrangeiros tinham que ser claramente distinguidos. Portanto, os homens egípcios tinham que ser marcados por uma cor de pele comum que contrastasse com imagens de homens não egípcios.”
 28. Hardy, *Annotated Book of Mormon*, p. 101, nota sobre 2 Néfi 5:21: “A explicação naturalista mais plausível é que eles se casaram com habitantes indígenas das Américas.” Ver também Eugene England,

- “Lamanites” and the Spirit of the Lord”, *Dialogue: A Journal of Mormon Thought* 18, no. 4 (1985): p. 30; John A. Tvedtnes, “Unanswered Questions in the Book of Mormon”, in *The Most Correct Book: Insights from a Book of Mormon Scholar* (Salt Lake City, UT: Cornerstone, 1999), p. 317; Nibley, *Teachings of the Book of Mormon*, pp. 146–147; John L. Sorenson, *Mormon’s Codex: An Ancient American Book* (Salt Lake City, UT: Deseret Book; Provo, UT: Neal A. Maxwell Institute for Religious Scholarship, 2013), p. 293. Sobre o tom da pele e a exposição ao sol, compare *Cantares de Salomão* 1:6: [sou] morena, porque o sol resplandeceu sobre mim”. Uriona, “Life and Death, Blessing and Cursing”, 140, apresentou outra proposta que poderia estar relacionada ao estilo de vida dos lamanitas, sugerindo que “esta frase [‘pele negra’] poderia falar de condições como a pele doente de Jó”, referindo-se a Jó 30:30 (“Enegreceu-se a minha pele sobre mim”). Em um próximo manuscrito, Uriona sugere que tal doença pode ter se espalhado entre os lamanitas devido ao seu estilo de vida de comer carne crua, tornando-os mais sujeitos a doenças e parasitas. O vídeo “Is the Book of Mormon ‘Skin of Blackness’ Curse Racist?”, que é baseado no trabalho de Uriona, observa que muitas das maldições listadas em Deuteronômio 28 são doenças de pele e são ditas que “serão entre ti por sinal e por maravilha, como também entre a tua semente para sempre”. (Deuteronômio 28:46). A palavra hebraica para “sinal” é a mesma palavra traduzida como “marca” em Gênesis 4:15.
29. England, “Lamanites”, p. 30; ênfase adicionada. Compare Hull, “Soteriology of Robes”, p. 245: “Para Mórmon, que escreveu mil anos após a declaração da maldição, essa marca autoadministrada na pele era um símbolo externo da maldição. A marca não era a maldição em si, mas um identificador físico e autoimposta daqueles ‘fora do convênio’, aqueles sobre quem a maldição havia caído anteriormente”.
30. Nibley, *Lehi in the Desert*, p. 74. Steenblik, “Demythicalizing”, pp. 194–196, observa que os profetas da Bíblia Hebraica e do Livro de Mórmon muitas vezes apresentam o Senhor como aquele que encenou os eventos mais diretamente por meio de ações humanas.
31. John W. Welch, “Mosiah 29-Soul 4”, in John W. Welch Notes (Springville, UT: Book of Mormon Central, 2020), p. 540; Ethan Sproat, “Skins as Garments in the Book of Mormon: A Textual Exegesis”, *Journal of Book of Mormon Studies* 24, no. 1 (2015): pp. 138–165. Ver também o artigo da Central do Livro de Mórmon, “Por que os profetas do Livro de Mórmon não incentivavam o casamento entre nefitas e lamanitas? (Alma 3:8)”, *KnowWhy* 110 (16 de maio de 2017).
32. Welch, “Mosiah 29-Soul 4”, p. 540.
33. Sproat, “Skins as Garments”, pp. 149–158. Sproat observa que 2 Néfi 5:21–25, Jacó 3:5–9 e Alma 3:5–6 se originam dentro de um convênio ou contexto do templo, enquanto 3 Néfi 2:15–16 descreve os lamanitas se convertendo à religião nefita e, assim, obtendo acesso às peles brancas de sua tradição do templo. Ver pp. 149–150, 153–157, 160.
34. Hull, “Soteriology of Robes”, pp. 217–240. Ver também Stephen D. Ricks, “The Garment of Adam in Jewish, Muslim, and Christian Tradition”, em *Temples of the Ancient World*, ed. Donald W. Parry (Salt Lake City, UT: Deseret Book; Provo, UT: FARMS, 1994), pp. 705–739; Hugh Nibley, “Sacred Vestments”, em *Temple and Cosmos* (Salt Lake City, UT: Deseret Book; Provo, UT: FARMS, 1992), pp. 91–138. Como a marca está associada e, em alguns casos, identificada como a maldição sobre os lamanitas, a discussão de Hull sobre os juramentos de maldição como algo “usado” na pele como uma vestimenta justa em algumas culturas antigas do Oriente Próximo também é interessante à luz da teoria da pele como uma vestimenta. Hull, “Soteriology of Robes”, pp. 244–246.
35. Steenblik, “Demythicalizing”, pp. 179–190, citado na p. 181. Gardner, *Traditions of the Fathers*, pp. 163–164, também menciona a pintura corporal mesoamericana não como uma possível explicação de marcas ou peles escuras, mas para combater mal-entendidos causados por tentativas anteriores de usar representações de corpos escuros como prova de uma diferença literal na cor da pele.
36. Steenblik, “Demythicalizing”, pp. 192, 206–208. Hull, “Soteriology of Robes”, 246, aponta para a prática semelhante de hititas esfregando a pele com óleo enquanto murmuravam maldições.
37. William Saturno, Franco D. Rossi, David Stuart e Heather Hurst, “A Maya Curia Regis: Evidence for a Hierarchical Specialist Order at Xultun, Guatemala”, *Ancient Mesoamerica* 28, no. 2 (2017): p. 7. Ver também Jerry D. Grover Jr., *Evidence of the Nehor Religion in Mesoamerica* (Provo, UT: Challex Scientific Publishing, 2017), p. 6.
- Steenblik, “Demythicalizing”, 204, sugere apenas que 3 Néfi 2:11–15 pode se referir à renúncia dos lamanitas ao uso de tinta corporal.
38. Martin, “Prophet Nephi”, pp. 122–125; Clifford P. Jones, “Understanding the Lamanite Mark”, *Interpreter: A Journal of Latter-day Saint Faith and Scholarship* 56 (2023): pp. 171–258.
39. Martin, “Prophet Nephi”, p. 122–123; Hull, “Soteriology of Robes”, p. 268n136.
40. Jones, “Understanding the Lamanite Mark”, pp. 206–208. Ver também J. Eric S. Thompson, “Tattooing and Scarification among the Maya”, em *The Carnegie Maya III: Carnegie Institution of Washington Notes on Middle American Archaeology and Ethnology, 1940–1957*, comp. John M. Weeks (Boulder, CO: University Press of Colorado, 2011), pp. 250–253; Michael D. Coe e Stephen Houston, *The Maya*, 10ª ed. (Nova York, NY: Thames e Hudson, 2022), pp. 167, 274.
41. Thompson, “Tattooing and Scarification”, p. 253.
42. Hull, “Soteriology of Robes”, p. 268n136.
43. Cecil H. Brown, “Hieroglyphic Literacy in Ancient Mayaland: Inferences from Linguistic Data”, *Current Anthropology* 32, no. 4 (1991): pp. 489–496.
44. Jones, “Understanding the Lamanite Mark”, pp. 182–184; Francis Brown, S.R. Driver and Charles A. Briggs, *The Brown-Driver-Briggs Hebrew and English Lexicon* (Peabody, MA: Hendrickson, 2007), p. 891.
45. Jones, “Understanding the Lamanite Mark”, pp. 185–186, 188–197.
46. Jones, “Understanding the Lamanite Mark”, pp. 210–214, 237, afirma que 3 Néfi 2:12–16 se refere aos lamanitas convertidos de Helamã 5:50–51 e que, portanto, uma geração (quarenta e dois anos) já havia se passado quando eles foram descritos como “brancos”. Compare Hardy, *Annotated Book of Mormon*, p. 101, nota sobre 2 Néfi 5:21 e 565, nota sobre 3 Néfi 2:14–16.
47. Welch, “Mosiah 29–Alma 4”, p. 539.
48. Sam Wineburg, *Historical Thinking and Other Unnatural Acts: Charting the Future of Teaching the Past* (Philadelphia, PA: Temple University Press, 2001), p. 104. Ver também Jones, “Understanding the Lamanite Mark”, pp. 215–217, 227; Hull, “Soteriology of Robes”, pp. 249–251. Este não é um problema exclusivo do Livro de Mórmon, pois muitos especialistas apontaram de forma semelhante para o problema da leitura anacrônica da raça em outras fontes antigas do Oriente Próximo, greco-romanas clássicas e europeias medievais. Ver Frank M. Snowden Jr., *Blacks in Antiquity: Ethiopians in Greco-Roman Experience* (Cambridge, MA: Harvard University Press, 1970); Frank M. Snowden Jr., “Europe’s Oldest Chapter in the History of Black-White Relations”, em *Racism and Anti-racism in World Perspectives*, ed. Benjamin P. Bowser (Thousand Oaks, CA: Sage, 1995), pp. 3–26; David M. Goldenberg, *The Curse of Ham: Race and Slavery in Early Judaism, Christianity, and Islam* (Princeton, NJ: Princeton University Press, 2003); Rodney Steven Sadler Jr., *Can a Cushite Change His Skin? An Examination of Race, Ethnicity, and Othering in the Hebrew Bible* (New York, NY: T&T Clark, 2005); Ran HaCohen, “The ‘Jewish Blackness’ Thesis Revisited”, *Religions* 9, no. 2 (2018): pp. 1–9.
49. Frank M. Snowden Jr., *Before Color Prejudice: The Ancient View of Blacks* (Cambridge, MA: Harvard University Press, 1983), p. 63.
50. Hull, “Soteriology of Robes”, p. 231.
51. Welch, “Mosiah 29–Alma 4”, p. 540.
52. Dieter F. Uchtdorf, “What Is Truth?” (Devocional da Universidade Brigham Young, 13 de janeiro de 2013), explicou: “No Livro de Mórmon, tanto os nefitas quanto os lamanitas criaram suas próprias ‘verdades’ uns sobre os outros. A ‘verdade’ dos nefitas sobre os lamanitas era que eles eram ‘um povo selvagem, feroz e sanguinário’, que nunca aceitaria o Evangelho. A ‘verdade’ dos lamanitas quanto aos nefitas era que Néfi havia roubado o direito de primogenitura de seu irmão e que os descendentes de Néfi eram mentirosos que continuavam a roubar dos lamanitas o que por direito lhes pertencia. Essas ‘verdades’ alimentaram o ódio que sentiam um pelo outro até que, no final, consumiu todos eles. Escusado será dizer que há muitos exemplos no Livro de Mórmon que contradizem esses dois estereótipos. No entanto, os nefitas e lamanitas acreditavam naquelas “verdades” que forjaram o destino daquele povo outrora poderoso.” Para exemplos antigos de estereótipos semelhantes aos do Livro de Mórmon, ver Tvedtnes, “Charge of ‘Racism’”, pp. 189–190, que cita estereótipos mesopotâmicos antigos dos amorreus e estereótipos astecas das otomias como exemplos semelhantes aos estereótipos dos lamanitas no Livro de Mórmon. Ver também Sorenson, *Ancient*

- American Setting, pp. 89–91; Hull, “Soteriology of Robes”, pp. 242–243.
53. Nibley, *Lehi in the Desert*, p. 74; Nibley, *Since Cumorah*, p. 216; Hull, “Soteriology of Robes”, p. 231; Welch, “Mosiah 29-Soul 4”, p. 540.
54. Isso é demonstrado em detalhes exaustivos em Belnap, “Inclusive, Anti-discrimination Message”, pp. 195–370. Ver também Tvedtnes, “Charge of ‘Racism’”, pp. 183–197.
55. Para obter uma lista completa de passagens relevantes que expressam a mensagem inclusiva do Evangelho, consulte Belnap, “Inclusive, Anti-discrimination Message”, pp. 301–306, tabela 4.
56. 1 Néfi 17:35; 2 Néfi 26:33, ênfase adicionada. Steenblik, “Demythicalizing”, 205, e Gardner, *Second Witness*, 2: pp. 374–374, argumentam que este caso de “preto e branco” deve, de fato, ser interpretado como a cor literal da pele. Belnap, “Inclusive, Anti-discrimination Message”, 206n30, cita Marvin Perkins como sugerindo que esta passagem é consistente com o simbolismo do preto e branco ao longo do texto, mas que, no entanto, “todas as etnias são cobertas por ‘judeus e gentios’ no final desse versículo.” Independentemente do que “preto e branco” significa aqui, o sentimento da passagem é que todas as pessoas, independentemente de raça, nacionalidade, sexo e assim por diante, são “iguais a Deus”. Como Belnap aponta, “o princípio de que Deus não discrimina com base na cor da pele é verdadeiro, e tanto os pecadores quanto os justos têm acesso a Deus”
57. Mosias 28:1–9; Alma 17–27. Ver Belnap, “Inclusive, Anti-discrimination Message”, pp. 259–263.
58. Ahmad Corbitt, “He Denieth None That Come unto Him: A Personal Essay on Race and the Priesthood, Part 3”, disponível em history.churchofjesuschrist.org. Ele acrescentou: “Acredito que Deus é onisciente, que Ele sabia há muito tempo das calamidades que aconteceriam aos habitantes da Terra, incluindo conflitos étnicos e raciais generalizados”. Ele também sabia que os avanços tecnológicos levariam a uma interação multirracial e multiétnica sem precedentes entre seus filhos em nosso mundo moderno, a chamada “aldeia global”. Acredito que, com essa previsão, Deus preparou o Livro de Mórmon para, entre outras coisas, guiar Seus filhos de diferentes cores e culturas à medida que enfrentamos esses desafios e oportunidades únicos em busca da unidade e da paz universais. [...] Portanto, acho que outra maneira de dizer que o Livro de Mórmon reúne Israel disperso é dizer que ele convida e unifica pessoas de todas as raças e etnias como irmãos e irmãs. Ele une todos os povos que aceitam o evangelho em um convênio comum com Deus, nosso Pai Eterno, e Jesus Cristo, nosso Salvador universal.”